

(QUASE) EDITORIAL

Qual a função de um editorial? Alguém lê editorial? Precisamos realmente de um editorial? Esses são alguns questionamentos que tenho cada vez que me pedem para redigir esta parte da publicação. Explico. No atual contexto de pesquisa que vive o Brasil, com as exigências da Capes, dos sistemas de pós-graduação espalhados pelo país, criou-se uma obrigatoriedade em publicar quase em um sistema capitalista. Não se permite ao pesquisador realmente produzir um material de fôlego, a fim de publicar os resultados de uma pesquisa de peso e de grande contribuição à área a qual pertence.

Resultado: cada dia mais as revistas recebem artigos superficiais, resultados de disciplinas feitas por alunos de pós-graduação ou leituras de professores universitários também pressionados a publicar; tudo isso como se a pesquisa não demandasse tempo e dedicação.

Assim, a cada número de uma revista acadêmica publicada no país, os acadêmicos olham o índice da publicação, observam se o nome da artigo/ensaio e o seu estão corretos e é hora de abrir o Lattes e registrar a produção bibliográfica. Cada artigo se torna uma ilha represada por uma revista, seu ISSN e seus indexadores. Feliz da vida, ninguém mais abre o número publicado e nem sequer se dá o trabalho de ver o que os colegas de área publicaram. Agora, imaginem o editorial, este pobre carro chefe da publicação, peça obrigatória dentro do gênero revista acadêmica, burocracia para avaliadores das revistas espalhadas pelo país.

Cumprindo, porém, o papel para o qual nasceu, segue-se sem mais delongas e impropérios do redator o editorial do presente número da **Iluminart** – ISSN 1984-8625 com a ordem dos artigos. Antes de tudo, quero enfatizar que se pode dizer que o tema do presente número é o homem em seus momentos de formação, seja quando passa pelas mãos dos educadores de diversos campos do saber, seja quando exerce o direito à leitura do material literário.

Começa-se com um artigo da área de química que foca na forma como os alunos de graduação aprendem mecanicamente os conceitos químicos, sem uma reflexão mais aprofundada dos mesmos. O estudo trabalha principalmente com a definição de luminescência de íons Eu^{3+} e as diversas conceituações que permitem compreendê-la. Da área física vem o questionamento sobre a metodologia de ensino PDG – Problemas Geradores de Discussão - e seu potencial de problematizar uma aprendizagem significativa aplicada ao curso de Engenharia de Produção da UTFPR.

Em seguida, o enfoque é o ensino de matemática, suas crenças e seus preconceitos; essa ainda é uma disciplina muito dolorosa para a maioria dos estudantes, o que tornam as pesquisas interessantes, pois buscam saídas para

uma melhor forma de ensinar. Para tanto, o artigo se propõe a analisar o desenvolvimento do currículo de matemática e prática dos professores que ministram essa disciplina.

O artigo quatro é uma reflexão sobre a formação dos professores que ministram aulas de educação física no ensino infantil. Realmente estão preparados? Têm condições de atender todas as necessidades dessas crianças? É válido ler o material e pensar sobre a situação dessa disciplina na escola, pois se constatou que grande parte dos professores não possui a formação adequada referente aos temas relativos à educação física, o que leva os docentes a improvisar.

O artigo cinco faz um estudo baseado na etnoepidemiologia para verificar as condições de saúde do homem em relação ao meio ambiente, partindo do conceito de que a saúde também poder ser vista pelo viés socioambiental. O artigo seis traz uma discussão sobre o papel do psicopedagogia nos processos de formação da sexualidade infantil na escola e como se pode intervir nesse contexto cercado por preconceitos que ainda há em relação à diversidade, nem sempre respeitada pela sociedade e pela escola; uma vez que essas situações podem levar a problemas de aprendizagem por parte da criança, a psicopedagogia pode contribuir na compreensão da sexualidade infantil, melhorando o processo de aprendizagem.

Os artigos sete, oito e nove lançam o leitor na área de estudos literários; passa-se pelo romântico Goethe com seu *Afinidades Eletivas*, a partir de uma leitura Walter Benjamin, visita-se Portugal com José Saramago e seu tão conhecido *Memorial do Convento* e seus processos de carnavalização e chega-se ao Brasil com Monteiro Lobato e sua literatura infanto-juvenil com *Memórias de Emilia*.

O próximo artigo é da área de Administração e analisa um caso de logística na agroindústria de Manaus-AM e como uma boa gestão aumentou os ganhos significativamente. Na sequência entra-se na área de contabilidade, analisando a divulgação de dados das informações financeiras das empresas e como essa postura age sobre os preços das ações na Bolsa de Valores.

Por fim, fecha o número um artigo da área de matemática do professor José Carlos Kihl dando continuidade ao estudo dos torneios hamiltonianos tendo pelo menos um vértice não-neutral; agora os estudos do torneio estão no nível 6, assim o leitor que se interessar pelo assunto pode ver as análises de nível 5 no número 10 da **Iluminart**.

Weslei Cândido

Editor Adjunto

Docente do Departamento de Teorias Linguísticas de Literárias da UEM.